

METONÍMIA

Ao se falar de metonímia, que do grego significa “além do nome”, “mudança de nome”, tem-se a substituição, figurada, simbólica, de uma palavra por outra, em virtude de haver entre elas uma relação bastante próxima.

Há o exemplo clássico do consagrado Chico Buarque de Holanda; “*devolva o **Neruda** que você me tomou e nunca leu*”, no qual “Neruda” representa uma obra escrita pelo poeta chileno, e não o próprio escritor. Na substituição de “obra” por “Neruda”, há uma relação entre as palavras: a de *autor* pela *obra*. Essa relação próxima, vizinha, entre os termos, pode ser denominada *contigüidade*. Na Carta de Pero Vaz de Caminha, há um exemplo interessante de metonímia: “[...] *E pregou uma solene e proveitosa pregação, da história evangélica; e no fim tratou da nossa vida, e do achamento desta terra, referindo-se à Cruz, sob cuja obediência viemos, que veio muito a propósito, e fez muita devoção*”. O termo “Cruz”, no trecho, não representa somente a cruz fincada na primeira missa proferida no Brasil, mas sim a religião católica e as marcas lusitanas de colonização, pilares das grandes navegações, além da Espada, referência à guerra, e do poderio tecnológico, bélico que eles possuíam na época. O termo “Cruz”, símbolo da Igreja Católica, substitui “fé” ou, mais especificamente, “fé cristã”. Metonímia!

Uma das situações mais conhecidas de metonímia faz-se entre a parte e o todo. Em “*bocas famintas bravejam a morte em seus vácuos*”, não são bocas que necessitam de alimento, mas sim indivíduos, famintos, que em seus vazios vêm o adeus. A parte, que é a boca, representa o indivíduo, o todo.

No poema auto-biográfico de Carlos Drummond de Andrade “Poema de sete faces”, pode-se encontrar metonímias, a exemplo de “*o bonde passa cheio de pernas:/ pernas brancas pretas amarelas.*”. Não são manequins feitos apenas de pernas, mas sim pessoas que preenchem o bonde. Pessoas brancas, pretas, amarelas. Esse tipo de metonímia que relaciona o todo com a parte recebe o nome de *sinédoque*. Há outro caso especial de metonímia, que é a utilização de apelidos ou um atributo que seja pessoal e muito marcante em lugar do nome. Pelé é o *rei do futebol*; Floriano Peixoto, o *marechal de ferro*; Castro Alves, o *poeta dos escravos*. Esse tipo de metonímia chama-se *epíteto* ou *antonomásia*. Já os apelidos, dados a localidades, denominam-se *perífrase*. Veneza brasileira, a Terra do sol nascente, a Cidade Maravilhosa, são perífrases de Recife, Japão e Rio de Janeiro, respectivamente.

Não basta apenas trocar palavras para se ter metonímia, pois nem toda substituição dará o efeito desejado. Ao se falar “*após a enchente, ficou sem casa*”, a substituição de “casa” por “teto” pode ocorrer, constituindo uma

relação metonímica. Mas esse mesmo efeito não acontece quando “casa” é trocada por “banheiro”. Pode-se dizer “*Li Paulo Coelho há anos*”, mas não se diz “*queimou uma Edison ontem*”. Mesmo que “Edison” e “lâmpada” compartilhem da mesma relação que há entre “Paulo Coelho” e “O Alquimista”, por exemplo, é necessário que essa contigüidade esteja no imaginário daqueles que estão envolvidos no discurso. Mesmo que um indivíduo saiba que Thomas Edison foi o inventor da lâmpada, de nada adiantará se o seu interlocutor e o meio em que esse diálogo é realizado não reconhecem essa associação.

Ao dizer “*sou alérgico a cigarro*”, o indivíduo cria uma metonímia, pois a alergia está associada à fumaça produzida pelo cigarro, e não pelo cigarro em si. A relação de causa (cigarro) e efeito (fumaça), uma relação próxima, é compreendida pelas pessoas inseridas no discurso e é uma ocorrência comum na comunidade, e, por isso, não necessita de esclarecimentos. Outros exemplos comuns de metonímia ocorrem na substituição do nome do produto pela marca.

Como recurso estilístico ou como elemento da coloquialidade, a metonímia é uma importante figura de linguagem, que faz da Língua Portuguesa um prato reinventado de possibilidades. É, dessa riqueza, entre palavras relacionadas, que a metonímia sofisticaliza textos literários e mostra a inventividade de um povo que faz da língua sua, pátria e cultura.

Alex Pitta